REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) …… | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrangeiro (união geral dos correios). | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 318

21 DE OUTUBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.


SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. AFFONSO

(segundo uma photographia de Fillon)

# CHRONICA OCCIDENTAL

A viagem d'el-rei continua a ser ainda o assumpto principal, em que se fixam todas as attenções, e que occupa o logar d'honra, em todos os jornaes de Lisboa.

A chronica da *Côrte na Aldeia*, feita dia a dia, em estylo telegraphico, pelos *reporters*, que, os principaes jornaes de Lisboa, enviaram acompanhando Suas Magestades, constitue o artigo á *sensation* da imprensa da capital, e a caçada no Gerez, a visita a Vianna, o passeio a Guimarães, as festas dos annos de Sua Magestade a rainha no alto do Bom Jesus do Monte são os acontecimentos de que os jornaes mais se occupam, e que mais entretem, ainda actualmente, a curiosidade do publico de Lisboa.

A excommunhão encapotada lançada pelo cardeal patriarcha de Lisboa sobre a memoria d'um dos mais illustres e benemeritos estadistas portuguezes, sobre a memoria de Antonio Augusto d'Aguiar, depois de ter durante alguns dias levantado indignações violentas entre todos os liberaes, começa a cahir no esquecimento e vae passando, como todas as coisas passam n'este mundo, e principalmente n'esta Lisboa, onde o esquecimento é muito mais veloz, que todas as nossas locomotivas.

O governo, segundo consta absteve-se d'entrar n'esta questão gravissima, que decerto não deixará de ser levantada, em tempo, no parlamento onde o excommungado de hoje, occupava lugar proeminente, e então os representantes do paiz, apreciarão e discutirão o acto do sr. Patriarcha de Lisboa, que acaba de ser severamente reprovado, por um dos mais illustres prelados portuguezes, o sr. cardeal bispo do Porto, que, não querendo ser solidario do sr. D. José III na maneira de comprehender os seus deveres de chefe de diocese e de pastor evangelico, permittiu que nas egrejas, sob a sua alçada, se fizessem officios funebres, por alma d'aquelle catholico, que o cardeal de Lisboa expulsou da egreja depois de morto.

No procedimento do sr. patriarcha ha ainda uma incoherencia muito original e que ignoravamos quando escrevemos a nossa ultima chronica.

Como n'essa chronica vimos, o sr. Patriarcha, no officio que dirigiu á Sociedade de Geographia diz — «não só não posso auctorisar com a minha presença um *novo escandalo* mas ainda me vejo forçado a prohibil-o a qualquer sacerdote, protestando assim contra o *desacato commettido contra as leis da egreja e a religião do Estado* »

O escandalo a que sua eminencia se refere é o enterro em sagrado e os officios religiosos feitos a Antonio Augusto d'Aguiar, enterro e officios, a que o mesmo prelado chama «*desacato commettido contra as leis da egreja e a religião do Estado.*»

E depois continua:

«*Estava então eu fóra de Lisboa e por isso não pude tomar conhecimento das coisas, de modo a providencial-as a tempo.*»

Este periodo quer evidentemente dizer:

«Em Lisboa morreu um maçon; — se eu estivesse cá faria o meu dever, isto é, providenciaria a tempo, não deixaria que se fizessem officios catholicos, que o enterrassem em sagrado, não deixaria praticar esse *escandalo*, commetter esse desacato contra as leis da egreja e a religião do Estado.»

Mas se sua eminencia não estava em Lisboa, estava com certeza, nem podia deixar de estar, alguem que fizesse as suas vezes, em quem o sr. Patriarcha delegasse os seus poderes, um seu representante.

E se o sr. Patriarcha estando em Lisboa, e fazendo o que diz que faria — providenciar a tempo, teria feito o seu dever, é claro que a pessoa que lá estava e que não *providenciou a tempo* faltou a esse dever.

Portanto estas phrases do sr. cardeal Patriarcha na sua carta á Sociedade de Geographia representavam visivelmente uma censura publica á pessoa que o ficou substituindo, a essa pessoa que tão mal correspondeu a sua confiança — porque se n'ella não confiasse o sr. Patriarcha com certeza a não deixava á testa da diocese a seu cargo — a essa pessoa que não soubera cumprir com os seus deveres — tomando providencias, impedindo que Antonio Augusto d'Aguiar tivesse rezas da egreja e fôsse enterrado em sagrado e não deixando commetter esse attentado contra as leis da Egreja e da religião do Estado.

Pois affiançam-nos que para fazer *pendant* a esse officio á Sociedade de Geographia, o sr. cardeal D. José III publicára uma portaria de louvor, elogiando o prelado que o substituira durante a sua ausencia, pelo modo como se desempenhara d'esse encargo!

Tinhamos muita vontade que Sua Eminencia tivesse a bondade de, para nós vermos, consorciar essa portaria de louvor, com os seus dois paragraphos do officio á Sociedade de Geographia.

E agora a questão que durma em paz até que as interpellações na camara a venham accordar.

Como se sabe na nossa terra o verão e o inverno teem os seus divertimentos especiaes: o inverno é a época dos theatros, o verão a época das touradas.

Este anno excepcionalmente, graças ao bom tempo que tem estado, os divertimentos de verão encontram-se com os divertimentos de inverno, e no mesmo comboyo em que veem as prima-donnas para inaugurar a época lyrica vem toureiros para fechar a época tauromachica.

Essa época fecha com chave d'ouro — com a mais recente e gloriosa celebridade tauromachica das Hespanhas, o espada Mazzantini.

Este toureiro cuja fama repentina está egualando a do illustre Frascuelo, distingue-se, segundo dizem, entre todos os toureiros da Hespanha pela sua elegancia, pela sua distincção e pela sua educação finissima.

Mazzantini é segundo reza a lenda, bacharel e foi funccionario publico em Hespanha. Possuidor d'uma bonita voz, começou a cultival-a e um bello dia deixou a burocracia pelo theatro.

Debutou como cantor, mas a gloria que elle namorava não lhe era tão facil como elle esperava.

Depois de ter cantado varias vezes e comprehendendo que por aquelle caminho nunca chegaria á celebridade e que presistindo na carreira não faria senão engrossar as fileiras dos cantores mediocres, Mazzantini, deixou-se de cantar arias e começou a matar bois.

A gloria sorriu-lhe mais nas armas dos touros, do que nas notas das partituras, e dentro em breve Frascuelo tinha um rival terrivel.

Mazzantini é hoje a *coqueluche* de toda a Hespanha, o *enfant gaté* da alta sociedade madrilena; Lisboa nunca o tinha applaudido e agora uma commissão de senhoras presidida pela sr.ª Duqueza de Palmella, tratando de realisar na praça do Campo de Sant'Anna uma corrida em beneficio d'um hospital para creanças pobres, teve a boa idéa de contractar o celebre espada e a sua *quadrilha* para tomar parte n'esta tourada de caridade.

Mazzantini acceitou o convite prestando-se a vir trabalhar de graça, sendo apenas paga a sua quadrilha, e foi assim que Lisboa poude ver e applaudir o mais celebre toureiro da Hespanha de hoje.

Como dissemos acima, no mesmo comboyo em que chegou Mazzantini chegaram algumas das cantoras para o theatro de S. Carlos, onde no dia 20 começaram já os ensaios das tres primeiras operas, que servirão de apresentação aos principaes artistas da companhia.

A opera de abertura será a *Aida* cantada pelo tenor Antonio de Andrade, barytono Terzy, baixo Roveri, e pela soprano dramatico Amelia Cataneo, e pela meia soprano da Opera de Paris, Gabriella Figuet.

Em seguida dar-se-ha o *Rigoleto* para estreia do barytono Francisco d'Andrade, e da primadonna ligeira Emma Nevada, e da contralto Prandi, sendo a parte de tenor cantada por Antonio d'Andrade.

A Theodorini estreia-se nos *Huguenottes*, uma das suas mais brilhantes corôas, e o tenor Talazac na *Traviata*, com a Emma Nevada e o barytono Andrade.

Tudo faz prever que a época que se vae inaugurar será brilhantissima, não só pelo merecimento dos artistas, quasi todos elles de grande nomeada, com a Nevada, a Theodorini, a Figuet, a Cataneo, o Talazac, os irmãos Andrades, o tenor Vergnet, como tambem pelo reportorio em que figuram tres operas novas para Portugal, o *Romeu e Julieta*, de Gounod, uma opera do maestro Mancinelli, e a *Dona Branca*, a 1.ª opera de Alfredo Keil, que segundo se affirma se dará este anno em S. Carlos, em substituição do *Freychust*, de Weber que estava annunciado.

*Dona Branca*, de que nos dizem maravilhas, maravilhas que as ultimas brilhantes producções musicaes de Alfredo Keil, tornam muito verosimeis, é uma opera de grande espectaculo, tem um scenario e um *miss-en-scene* deslumbrante e será posta em S. Carlos com todo o apparato que requer, constituindo assim um brilhante espectaculo para os olhos e para os ouvidos.

No dia 15 regressou do Brazil a companhia do theatro de D. Maria, que nos theatros do Rio de Janeiro e de S. Paulo deu 50 representações, que foram cincoenta noites de gloria e de ovação para os artistas portuguezes.

Todos os nossos artistas agradaram muito, mas o grande successo foi para João Rosa, Brazão e Augusto Rosa: o primeiro acclamado por quasi toda a imprensa como o actor mais correcto e consciencioso, o segundo como o actor mais brilhante, o terceiro como o mais espirituoso *diseur*. Virginia, Amelia da Silveira e Falco foram tambem muito applaudidas.

A companhia fez excellentes interesses e traz do Brazil muita gloria, muitos presentes e muito dinheiro. Que todas as *tournées* artisticas tenham os resultados d'esta é o que nós desejamos a todos os artistas portuguezes que as intentarem.

*Gervasio Lobato.*

# A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

## III

O dia 28 começou pela visita de el-rei e da rainha ao importante estabelecimento horticula do sr. José Marques Loureiro.

Sempre que o sr. D. Luiz vem ao Porto, é esta uma das suas visitas obrigadas, pela grande predilecção que tem pela floricultura. A sr.ª D. Maria Pia, porém, nunca havia entrado na quinta das Virtudes, onde o sr. Marques Loureiro tem installadas as suas collecções e assim para Sua Magestade foi como que uma surpreza tudo o que teve occasião de observar, desde os magnificos fetos arboreos dispostos logo na primeira rua, á entrada, até aos explendidos grupos de plantas, flores e trepadeiras disseminados pelas dez estufas que conta o estabelecimento.

A sr.ª D. Maria Pia confessou que não esperava encontrar no Porto nem no paiz um estabelecimento de tão vastos recursos. Suas Magestades fizeram acquisição de algumas plantas, sendo-lhes offerecidas outras pelo insigne horticultor.

Ás 11 horas da manhã a familia real foi ouvir missa á capella de Carlos Alberto, sendo celebrante o padre José Rodrigues de Souza, vigario da Ordem do Carmo e capellão da casa real.

Ás 2 horas da tarde começou a recepção no paço. Estiveram presentes todos os membros da real familia, incluindo o principe da Beira, que repousou no regaço de sua augusta mãe.

Tudo o que ha no Porto de mais elevado no funccionalismo, na politica, na aristocracia e na finança, concorreu a prestar as suas homenagens aos monarchas portuguezes. Muitas senhoras tambem da primeira sociedade portuense abrilhantaram com a sua presença aquelle acto de respeito e cortezia.

Além das authoridades e corporações, e dos ministros do reino e das obras publicas, estiveram presentes á recepção, os ministros de estado honorarios Barjona de Freitas e Lopo Vaz; duque de Albuquerque; condes de Sabugosa, de S. Mamede, de S. Miguel, de Rezenda, de Castello de Paiva, de Campo Bello e de Roriz; viscondes de Mozer, de Moreira de Rey, da Trindade, de Barros Lima, de Francos, da Graceira, da Feitosa, de Pereira Machado, de Villarinho de S. Romão e da Torre; barão de Pero Palha; pares do reino Moraes Passanha, José Horta e Pereira Dias; presidente da camara electiva, dr. Rodrigues de Carvalho e deputados Antonio Candido, João Arroyo, José Guilherme, Oliveira Martins, Castro Monteiro, Eduardo José Coelho, Alves da Fonseca, Wenceslau de Lima, Francisco Mattoso, Santos Moreira, Simões dos Reis, Tavares Crespo e Almeida e Brito; e governadores civis do Porto, de Coimbra, de Vianna e de Santarem.

Á allocução dirigida pela camara municipal, respondeu el-rei:

«É-me sempre extremamente agradavel visitar o Porto onde tantas provas de affecto e sympathia costumo receber. Na occasião presente, porém, mais gratas me são essas manifestações por se celebrar aqui uma festa de familia o anniver-

sario de Suas Altezas os duques de Bragança. Tenho consagrado sempre o maior affecto á briosa cidade do Porto e, iguaes sentimentos tenho inoculado no coração de meu filho, esperando que esta cidade seja para elle o mesmo que tem sido para mim».

A saudação da Associação Commercial, Sua Magestade respondeu que eram sempre gratas ao seu coração as manifestações por parte d'aquelles que trabalham. N'essas condições considerava o commercio e por tanto a Associação Commercial, que legitimamente o representa. Estaria sempre prompto a promover os elementos de que o commercio careça para o seu melhor desenvolvimento e prosperidade.

A noite realisou-se o jantar de gala para o qual foram convidadas as principaes authoridades, assistindo tambem as esposas dos srs. presidente do conselho e ministro das obras publicas, deputados pelo Porto e Bouças, conselheiros Barjona e Lopo Vaz, presidente da camara dos deputados, pares do reino, etc.

Ao *dessert*, Sua Magestade brindou pela prosperidade da cidade do Porto, á qual consagrára sempre profunda estima. Recordou o amor d'esta cidade á dymnastia de Bragança e os serviços por ella prestados á causa da liberdade. Disse que havia vinte annos que viera como rei a esta cidade pela primeira vez, apresentando por essa occasião o seu filho primogenito e que hoje já trazia em sua companhia um neto, que era um novo penhor da dynastia. Congratulou-se pelo facto de durante os 25 annos do seu reinado, ter imperado sempre a paz e a tranquillidade em todo o reino, tendo sido sempre cumpridos os preceitos constitucionaes.

O sr. presidente da camara municipal respondeu brindando pela familia real e agradeceu os votos feitos por Sua Magestade pela prosperidade d'esta cidade, assegurando-lhe ao mesmo tempo o profundo amor e respeito que o povo do Porto lhe consagrava, bem como a sua augusta familia.

Os srs. duques de Bragança, em commemoração do seu anniversario natalicio, entregaram ao governador civil a quantia de 450$000 réis para os fazer distribuir pelas pessoas necessitadas da cidade.

O dia 29 foi o destinado á inauguração do caminho de ferro de Foz Tua a Mirandella.

O comboyo real partiu da estação de Campanhã ás 5 horas e meia da manhã, tomando lugar n'elle toda a familia real, excepto a princeza D. Amelia, o presidente do conselho e o ministro das obras publicas, pessoas da comitiva, diversas authoridades e os membros da imprensa de Lisboa e Porto.

Esse comboyo fôra precedido de um outro conduzindo umas 300 pessoas convidadas pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

Durante a viagem, os regios excursionistas continuaram a ser alvo das mais vivas demonstrações de sympathia.

Em Paredes, onde além das authoridades locaes se via um grande numero de senhoras, tocava uma phylarmonica, e á chegada do comboyo o presidente da camara ergueu vivas, que foram correspondidos pela multidão que alli se apinhava.

Em Penafiel, a estação achava-se vistosamente ornamentada, fazendo a guarda de honra uma força de infanteria 6 com a respectiva banda. Estavam alli os funccionarios publicos, a officialidade de infanteria 6 e um numero consideravel de pessoas de todas as classes, entre as quaes se destacava um formoso grupo de aldeãs com os seus trages pittorescos, que lançavam punhados de flores desfolhadas sobre os illustres viajantes. O comboyo partiu no meio de calorosas acclamações, que se repetiram com a mesma intensidade em outras estações da linha, taes como Mosteirô, Ermida, Rêde e Mollêdo, onde o estrondear dos foguetes se casava com os sons das bandas marciaes postadas em cada uma d'ellas.

Na Regoa a concorrencia era enorme. Todas as authoridades locaes, bem como as pessoas mais gradas da villa e entre ellas crescido numero de senhoras, aguardavam a chegada da familia real, que foi freneticamente victoriada.

No Pinhão e em Covellinhos identicas demonstrações. Em Foz Tua a recepção foi enthusiastica. Esperavam alli Suas Magestades e Altezas os srs. bispo de Bragança, o governador civil do districto, a camara municipal de Carrazeda de Anciães, lendo o presidente uma allocução, e outras authoridades e grande concurso de povo, que erguia repetidos vivas á familia real, ao Anjo da Caridade, á constituição, etc.

Uma pobre mulher andrajosa conseguiu acercar-se da rainha e ajoelhando disse que era viuva e invalida e que seu unico filho fôra para soldado, ficando por isso ao desamparo. Sua Magestade a rainha deu-lhe duas libras e el-rei outras duas.

A familia real entrou em um pavilhão, onde recebeu os cumprimentos das pessoas que a esperavam e ás 10 horas e 20 minutos partia para Mirandella o comboyo real, tirado pela locomotiva «Villa Real» e composto de um fourgon, de quatro carruagens de 1.ª classe e de um salão.

A linha de Foz Tua a Mirandella, de via reduzida, atravessa uma região excessivamente montanhosa e agreste, contornando o rio Tua. Em terreno tão irregular, a via contorse-se por vezes em apertadas curvas, introduz-se por successivos tunneis, deslisa por sobre elevados aterros e galga precipicios vertiginosos.

De Villarinho para cima a natureza toma um aspecto mais risonho. Do Tua emergem graciosas ilhotas, as margens orlam-se de arvoredo e o valle destende-se luxuriante de vegetação.

Durante o precurso, a familia real continuou a ser sempre alvo das mais febricitantes saudações por parte dos povos transmontanos, que corriam presurosos ás diversas estações para saudar os monarchas. Em diversos pontos haviam musicas e os foguetes atroavam os ares.

Em uma das estações, apresentaram a Suas Magestades como curiosidade, Domingos Catharino, o typo mais completo da fealdade humana. Esse ente, que não se podia encarar sem uma instinctiva repulsão, vive como um selvagem e o seu aspecto chega a repugnar.

Nas Caldas de Codeçaes o comboyo parou para se presencear uma scena verdadeiramente curiosa. Jnnto á linha erguia-se um estrado revestido de cortinados de chita de côres vivas, ao qual subiu o sr. Joaquim Belchior Azevedo, mestre eschola da localidade, que em uma petição em estylo bombastico que leu em voz alta, a el-rei em nome dos povos de Codeçaes e Pereiros que inferisse com a companhia Nacional para que alli se construisse um apeadeiro, que muito contribuiria para o desenvolvimento agricola e commercial d'aquella zona.

Depois d'isso o orador, que era ao mesmo tempo poeta, recitou duas longas poesias em que repetindo o pedido do apeadeiro, dirigia á familia real enthusiasticos cumprimentos.

El-rei, perante este singular meio de petição, considerou de tal modo os desejos do peticionario, que recommendou ao sr. presidente do conselho para envidar os seus esforços junto da companhia Nacional, a fim de ser satisfeito o pedido d'aquelles povos.

A entrada em Mirandella effectuou-se por entre as acclamações estrepitosas da multidão, que se atropelava para vêr mais de perto os regios excursionistas. Os foguetes e os vivas confundiam-se com as musicas de caçadores 3, infanteria 9 e uma outra que alli estava tambem. A estação achava-se decorada e na villa tremullavam por toda a parte as bandeiras.

Depois de recebidos os cumprimentos das auctoridades, incluindo as camaras de Villa Flor e Mirandella, que se apresentavam com os seus estandartes, e das pessoas gradas da localidade, procedendo-se á benção das locomotivas «Villa Real e Bragança», lançada pelo rev.$^{mo}$ bispo da diocese acolytado por cerca de 20 ecclesiasticos.

Este acto teve logar junto á estação, em um elegante pavilhão pintado pelo sr. Manini.

Terminada a cerimonia, a familia real dirigiu-se para outro pavilhão egualmente pintado pelo sr. Manini e decorado pelo sr. Marques da Silva, onde se serviu o *lunch*, que foi de 200 talheres.

Na meza real tomavam logar os srs. visconde das Areas, governador civil de Bragança, bispo da diocese, general Malaquias, presidente da camara de Mirandella e visconde de Moreira de Rey.

Depois de S. S. M. M. e A. A. se retirarem, trocaram-se diversos brindes entre os convidados, sendo o primeiro do sr. Jayme Victor, em nome da imprensa portugueza, á companhia Nacional dos caminhos de ferro, succedendo-se outros á imprensa de Lisboa e Porto, á engenharia portugueza, etc. etc.

A familia real foi depois á casa da camara, onde o respectivo presidente leu uma mensagem congratulatoria, seguindo-se o sr. dr. Botelho, procurador á junta geral, que fazendo a apologia dos caminhos de ferro, mostrou a necessidade, para aquella terra, de uma escola normal.

S. S. M. M. e A. A. deixaram os seus nomes assignados em um livro para esse fim preparado e ao retirarem-se entregaram ao sr. governador civil a quantia de 40 libras para a fazer distribuir pelos pobres de Mirandella.

A familia real não pôde assistir, por falta de tempo, ao *Te Deum* que devia celebrar-se na egreja matriz e voltando á estação, entrou no comboyo que se poz em marcha de regresso para o Porto, cerca das 3 horas e meia da tarde, repetindo-se por essa occasião as calorosas manifestações de jubilo e de sympathia que tinham assignalado a chegada dos reaes viajantes.

Estes demoraram-se algum tempo na Regoa, onde lhes foi offerecido pela camara municipal e por alguns outros cavalheiros da localidade um excellente *lunch* que se serviu em uma das salas da estação, para esse fim convenientemente preparada.

Ao champagne o presidente da camara da Regoa agradeceu a el-rei a honra da visita áquella terra e terminou brindando á familia real.

S. M. respondeu que não podia agradecer aquelle brinde de outra fórma senão bebendo aos melhoramentos materiaes da provincia de Traz-os-Montes.

O comboyo continuou a viagem ás 8 horas da noite, vendo-se algumas estações, e principalmente a de Penafiel, illuminadas e repletas de gente.

A familia real chegou ao Porto ás 11 horas e meia, recolhendo ao paço depois de uma digressão, da qual S. S. M. M. e A. A. deviam ter trazido as mais gratas impressões, pelas provas de vivo affecto que receberam em toda a parte.

R.

# AS NOSSAS GRAVURAS

## SUA ALTEZA O INFANTE D. AFFONSO

Honra hoje as paginas do OCCIDENTE o retrato de Sua Alteza o Infante D. Affonso, filho segundo de Suas Magestades El-Rei D. Luiz e Rainha D. Maria Pia.

Sua Alteza o Senhor Infante, Duque do Porto, D. Affonso Henriques Napoleão Maria Luiz Pedro d'Alcantara Carlos Humberto Amadeu Fernando Antonio Miguel Raphael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco d'Assis João Augusto Julio Valpando Ignacio de Bragança Saboia Bourbon Saxe Coburgo Gotha, nasceu no palacio da Ajuda a 31 de julho de 1865, anniversario do juramento da Carta Constitucional, e no dia em que completou oito annos de idade (1873) alistou-se no exercito portuguez, em artilheria n.º 1.

Em 31 de outubro de 1882 foi promovido a segundo tenente honorario, e a primeiro tenente em 18 de maio de 1886.

Sua Alteza é gran-cruz das ordens de Christo, de S. Bento de Aviz e de Carlos III, de que tem tambem o collar.

O sr. Infante D. Affonso é extremamente dedicado ao exercito, e ama a vida militar, procurando sempre com interesse o instruir-se em tudo que póde constituir um verdadeiro militar.

São prova d'isto os exercicios a que tem assistido e ainda ultimamente, no grande exercicio que estava determinado fazer-se no Sabugo e que se não realisou em consequencia do mau tempo, Sua Alteza foi dos primeiros officiaes que se apresentaram no campo, logo de madrugada, apezar do dia tempestuoso, que obrigou as tropas a retirar a quarteis.

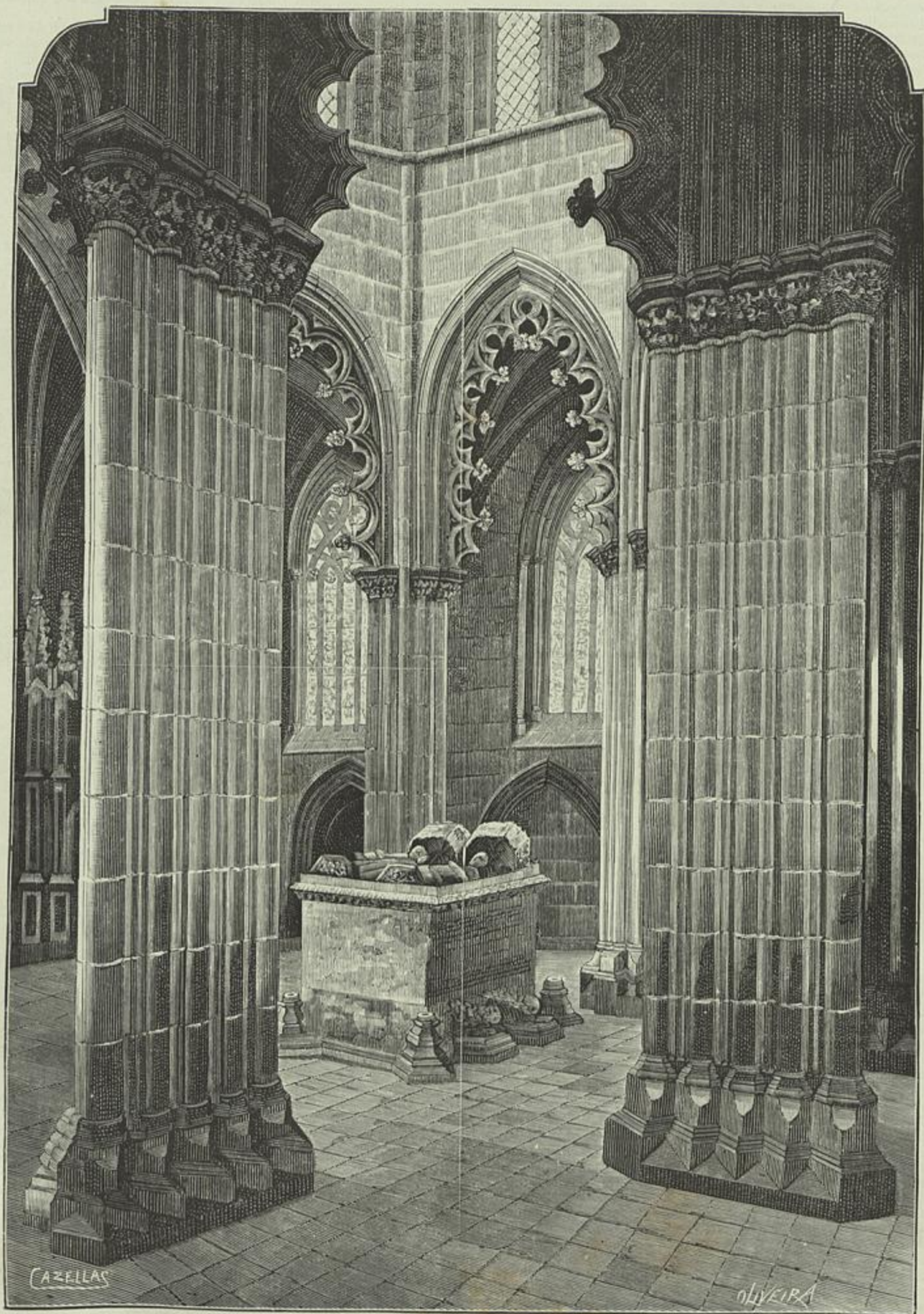
N'um paiz como o nosso, que vive n'uma paz feliz, não é facil nem mesmo possivel o militar revelar o seu valor ou a sua sciencia da guerra, e é por isto que os militares de hoje não podem illustrar o seu nome com feitos d'armas, com que outr'ora tanto se distinguiu o exercito portuguez.

É por esta mesma razão que, referindo-nos ao sr. Infante D. Affonso, não encontramos na sua curta carreira militar aquelles factos que tanto distinguiram outros principes portuguezes.

Não tenhamos, porém, saudades d'essas épocas bellicosas. Hoje as conquistas são mais da sciencia que da espada, e os principes miram mais ao amor do seu povo e com elle gozam mais dos seus progressos, do que a impôrem-se pelo valor do seu braço ou da sua vontade absoluta.

O sr. Infante D. Affonso tem justamente conquistado as sympathias da nação, e no exercito é elle altamente estimado pelas apreciaveis qualidades que possue, pelo seu bello caracter.

Ultimamente El-Rei nomeou-o, assim como ao principe D. Carlos, seu ajudante de campo, nomeação que veio publicada na ordem do exercito n.º 22, de 8 de outubro de 1887.

# MONUMENTOS DE PORTUGAL

TUMULO DE D. JOÃO I, NO CONVENTO DA BATALHA —Vid. artigo «Uma visita á Batalha»

(Segundo uma photographia de Rocchini)

## BENGUELLA

A cidade de S. Filippe de Benguella assenta em uma extensa planicie, situada na bahia de Santo Antonio, ou bahia das Vaccas em 12.° e 34' de latitude Sul e 13.° e 22' de longitude éste de Greenwich.

Quando os portuguezes descobriram Angola e alli se estabeleceram, souberam que para o sul haviam outros paizes ricos, ainda não explorados, o que lhes moveu o desejo de os conhecer e por ventura occupar.

Effectivamente assim se resolveu e o governador geral de Angola, Paulo Dias de Novaes, mandou occupar pelos portuguezes, aquelles territorios e proceder á construcção de uma fortaleza na bahia das Vaccas, assim denominada n'aquelles tempos.

Em breve, porém, o gentio se revoltou contra os invasores, matando quasi todos que encontrou e tendo os restantes que fugir.

Este desastre, longe de atterrar os portuguezes e de os dissuadir de occuparem aquella parte da Africa, mais lhes augmentou o desejo de a dominarem, e o governo da regente D. Catharina, avó do malogrado D. Sebastião, ordenou ao governador de Angola Manuel Cerveira Pereira a conquista de Benguella, para o que se aprestaram em Loanda gente e navios com material de construcção para dar principio á cidade, o que se realisou pelos annos de 1619.

O primeiro cuidado dos portuguezes foi levantarem muros de defeza em volta da nova cidade, pondo-a ao abrigo das sortidas dos indigenas, que apezar de serem poucos eram de natureza rebeldes e bellicosos, e tanto que ainda d'esta vez reagiram, sendo preciso empregar a força para os conter em respeito, o que só se conseguiu depois de varios combates em que alguns sobas ficaram mortos no campo.

N'estas circumstancias, os portuguezes sustentaram por muito tempo grandes luctas com o gentio, para se poderem estabelecer em Benguella em condições regulares e isto não deixou de influir no desenvolvimento da povoação, que, ainda até ha poucos annos, nenhum edificio importante possuia, sendo as casas, em geral, feitas de adobes ou barro, caiadas e de muito elementar construcção.

A cidade, como já dissemos, está edificada em uma planicie na extensão aproximada de 30 a 50 kilometros, mas em que as edificações se acham muito á vontade, separadas por largas ruas arborisadas, e por quintaes, o que tudo concorre para melhorar as condições de salubridade, que ainda, não ha muitos annos, deixava bastante a desejar.

Os edificios mais importantes que se podem vêr em Benguella são a alfandega, o hospital, o palacio do governo e a egreja de Nossa Senhora do Populo.

No dia 16 do corrente, anniversario natalicio de sua magestade a rainha D. Maria Pia, devia ter sido inaugurado em Benguella o novo palacio do governo, a ponte de Catumbella e o pharol da Sombreira.

Benguella é hoje a segunda cidade da provincia de Angola, pelo seu movimento commercial, pela sua producção agricola e pela sua situação geographica, sendo ponto de escala para a navegação.

O districto de Benguella divide-se nos concelhos de Dombe Grande e Dombe Pequeno, Novo Redondo. Egito, Quillengues, Catumbella e Caconda.

O seu governo é de segunda ordem com residencia na cidade de Benguella e sujeito ao governo geral da provincia de Angola.

As suas condições sanitarias tem melhorado consideravelmente n'estes ultimos annos, na razão do desenvolvimento da sua população europea, alli attrahida pela fertilidade do paiz muito abundante em cereaes, fructos e gados, o que faz com que a vida seja barata.

Uma das principaes riquezas do paiz são as suas minas de metaes, mas este ramo tem sido desprezado pelo europeu e cremos que pouco cu nada aproveitado pelo indigena.

Tudo revela a riqueza do solo africano, assim os portuguezes soubessem aproveitar o que outros povos tanto cubiçam.

AFRICA PORTUGUEZA — Uma vista de Benguella

(Segundo uma photographia de Moraes)

# UMA VISITA Á BATALHA

## I

Se outra vantagem não offerecesse a nova linha ferrea de Leiria, bastava a de aproximar a capital da Batalha e de Alcobaça, para bem merecer da nossa estima. É por isso que apezar de todos os descarrillamentos, eu sympathiso deveras com ella, e podem tombar wagons, abater aterros, quebrar eixos ou morrer gente, que eu se não poder voltar a ver esses dois bellos monumentos historicos, senão n'uma carruagem de comboio, arrisco todos esses perigos e vou. E olhem que não é valentia, é egoismo, egoismo de sentir novamente — com certeza um pouco mais pequena já — essa impressão extraordinaria que tive ainda não ha um mez, quando, por uma bella tarde de setembro, parei em frente d'essa colossal architectura gothica. Essa impressão foi mais do que de espanto ou de admiração, foi de medo, porque eu tremi realmente ao ver a Batalha, e custa em verdade a comprehender como uma obra d'aquellas, a mais surprehendente de Portugal e uma das mais afamadas da Europa, tão bella a um tempo pela grandeza e pelo gosto, é creada por artistas extraordinarios, ali, n'uma baixa, dominando apenas uma aldeola insignificante. E lembra-se então a gente do que seria a Batalha, no largo dos Jeronymos, olhando para o Tejo, da imponencia que teria esse velho convento, sito por exemplo no monte, onde em Thomar se ergue o convento de Christo, emfim em qualquer outro ponto onde estivesse desaffogado, sósinho, enchendo de toda a sua magestade o vastissimo terreno que o rodeasse. Mas o que não podemos é mudal-o agora, e só nos resta dar graças á Providencia e a D. João I, por o termos ali, apezar de ser n'uma baixa...

Antes de lá chegarmos, e iamos mortos por lhe descobrir sequer, ao longo d'essa estrada enorme, as torres que se erguem, sobranceiras a todo o claustro, torres tão altas que chegam a ter a habilidade de apresentar-nos um panorama bas-

tante vasto, antes de lá chegarmos, passámos rapidamente por Aljubarrota, outro sitio historico, uma aldeola ainda mais pequena e mais selvagem. Porque teem muito de selvagem os logarejos que de legua em legua, se avistam por essa estrada real, onde antes de 1851 a capital communicava com todas as provincias do norte. As creanças, negras, á falta d'agua, queimadas pelo sol, veem rojar-se pela estrada, á passagem de algum caleche, entoando, de mãos postas, uma cantilena local. Depois seguem-nos durante kilometros, de mão estendida, sequiosas de dinheiro. Ás vezes reunem-se umas poucas, e é ver então qual corre mais. O *touriste* acena-lhes com umas moedas de cobre, e o olhar d'ellas vibra com um brilho excepcional, atira-se-lhe o dinheiro para a estrada e ellas lançam-se então, como famintas, umas por cima das outras, ás cambalhotas e aos empurrões. Em seguida debandam, seguindo cada uma para sua casa. Atravessam valles com um pulo, trepam muros com uma agilidade de acrobatas, pisam as semeaduras com uma coragem de cabritos, não correm, voam, a ver qual d'ellas chega mais depressa a dar a nova aos paes. Não teem esses pequenitos selvagens outra ambição que a do cobre, ambição afinal de contas muito mais modesta que a do ouro, mas, dadas as ciscumstancias, incomparavelmente muito mais difficil, ainda que a muitos isto se affigure inverosimel.

E são pouco mais ou menos estes selvagens que povoam o logarejo de Aljubarrota, onde cresceu e batalhou a celebre padeira.

A casa onde viveu essa mocetona que deu agua pelas barbas aos castelhanos está hoje transformada em cocheira, e, para cumulo da irrisão, essa cocheira acha-se abandonada. Decididamente o Acaso parece muitas vezes castelhano. Que a sociedade 1.º de Dezembro proceda!...

II

Era tarde quando entrámos na Batalha. As nuvens que desde pela manhã haviam coberto o azul do nosso decantado ceu, carregavam-se a pouco e pouco e o sol impossibilitado de vir saudar-nos parecia fugir do horizonte. A atmosphera arrefecia e a povoação da Batalha, ás 4 horas e meia da tarde, parecia dispor-se já a dormir. No largo não havia viva alma. Apenas á porta de uma reles taberna, tres ou quatro operarios aqueciam o estomago com uns copitos de aguardente. E no meio de todo aquelle deserto silencioso, a architectura gothica surprehendia-nos a pouco e pouco, á medida que nos acercavamos d'ella, os ultimos raios do dia reflectiam-se em scintillações brilhantissimas, na vidraria multicôr das largas janellas, e o vento enfurecendo-se a pouco e pouco como a querer desafiar a elegantissima fachada do convento, na sua serenidade imponente, beijava desabridamente os torreões que olham o sul. Foi então que tivemos medo. É que na presença d'esse monumento verdadeiramente colossal, tudo o mais se affigura pequeno e mesquinho. A propria natureza que enlaça proximo os castanheiros verdejantes, e enrosca nos troncos dos pinheiros a folhagem das trepadeiras, essa natureza que ergue ao longe uma serie infinita de serras onde bandos de animaes pastam a sésta, e que perto cobre de uma vegetação profundissima, espontanea, se é dado o qualificativo, os vastos campos onde as vindimas se fazem, essa natureza fertilissima e poderosa, parece curvar-se tambem diante do poder e da fertilidade do assombroso talento que legou á arte humana a mais assombrosa creação da architectura de todos os tempos. Faz parecer que até Deus, o *Supremo Architecto do Universo*, se curva diante dos architectos do seculo XIV.

*João Costa.*

## CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

### A LINHA DE TORRES VEDRAS

Emtanto que a engenharia portugueza prolonga no papel os traços da planta da nova estação da linha urbana, que vae ser um dos mais notaveis melhoramentos de Lisboa, procurando dar-lhe a maior amplidão, e implantar n'ella todas as commodidades que não estamos acustumados a ver nas estações das nossas vias ferreas;

Emquanto os architectos francezes buscam as formas mais elegantes da construcção moderna, para darem á frontaria da estação do Rocio a mais artistica perspectiva, que será uma nota discordante na monotonia das nossas edificações, ficando ali, no centro da capital, como uma dama elegante, vestida pela Sr.ª Emilia d'Abreu, sentada entre velhas de capote e lenço;

Emquanto os operarios, penetrando por sob os predios da parte noroeste da cidade, vão perfurando, como uma verruma immensa o tubo conductor dos futuros comboios de *banlieue*, e o traço de união entre o centro da nossa capital e o centro da Europa;

Deixemol'os por uns dias proseguir na sua tarefa reformadora e perfuradora, até que tenhamos mais difinitivo e completo o plano de toda a obra, e vamos, n'esta secção, dar a discripção da linha de Torres Vedras, com a qual completaremos a que ha tempo fizemos da de Lisboa a Cintra.

N'essa primeira viagem em que o leitor nos acompanhou, vimos a linha commum até o Cacem.

É d'este ponto que fixaremos agora a nossa partida para Torres, onde podemos ir e voltar no mesmo dia, o que já nos assegura e bem, que não ficaremos por lá no hotel do Pimenta, um hospedeiro *sui generis* pela sua gordura e genio levadinho da breca, que só é egualado...pelo da sua respeitavel esposa.

A estação do Cacem já a descrevemos, e do sitio apenas nos basta dizer que sahindo a estação e tomando a estrada que, atravessa a linha em passagem inferior, se encontra primeiramente Cacem de Baixo, e depois Cacem de Cima onde ha bonitos pontos de vista, uma estrada limpa e uma agua detestavel.

A uns dois kilometros da estação a via ferrea bifurca-se, seguindo á esquerda para Cintra e em frente para Torres.

Pouco depois vê-se á direita a logar de Meleças, de nome bem conhecido pelo fôfo pão que ali se fabrica, delicias dos desdentados da capital.

Meleças é, pois para Lisboa o que Avintes é para o Porto, com a differença de não ter aquellas lindas padeiras das margens do Douro, e que talvez por serem tão bonitas é que têem sempre *pãesinhos* em volta de si.

N'este ponto que é tambem o de communicação com a antiga quinta Regional de Cintra, deve estabelecer-se mais tarde um apeadeiro para serviço d'este sitio.

Olhando-se á esquerda ao passar a estrada n.º 87 de Bellas á Ericeira avista-se, ao longe, o parque e castello da Penna, como uma pequena vista cycloramica de delicioso effeito.

Segue depois a estação do Sabugo que tem, a uns 5 kilometros, a povoação de Pero Pinheiro, onde são situadas as fartas pedreiras de que se teem arrancado os pesados monolythos que formam os monumentos e differentes edificações de Lisboa.

De um e outro lado da via, que percorre em recta uns 5 kilometros, orlam o caminho artisticos grupos de pedras, algumas similhando dolmens, apresentando maravilhas de equilibrio nas suas phantasticas posições.

Chama-se a este sitio a Pedra Furada, á direita, e passado elle, temos que admirar, á esquerda, o fresco valle da ribeira de Testões.

Depois, tambem á esquerda, apparece-nos a estrada de Mafra, no sitio onde o governo acaba de autorisar a creação de um apeadeiro, que é de grande vantagem, porque encurta uns bons dois kilometros a communicação para esta villa.

A via segue ao lado da estrada que depois se desenvolve, serpenteando pelas montanhas, para se encaminhar para Mafra, onde chega depois de 10 kilometros de deliciosos panoramas.

Por emquanto quem quer ir a Mafra ou Ericeira desce na estação da Malveira, e o mesmo faz quem se dirige ao Gradil.

Dois kilometros depois d'esta estação, avista-se á direita o bonito logar da Asseiceira, o Milharado, a Sapataria, onde começa a zona vinhateira de Torres.

Ao fundo d'este quadro de verdura dos mais pittorescos cambiantes destaca-se a Cabeça de Montachique, e á esquerda attrahe as attenções do viajante o bonito casal dos Escarcheiros e o valle e logar da Serreira.

Seguindo depois uma recta de 2 kilometros atravessa-se o tunnel do Alto da Guia que tem a extensão de 325 metros e a maxima profundidade de 45.

E' tres kilometros depois que vem a estação de Pero Negro, junto da qual passa a estrada que conduz á Sapataria e Milharado, para o sul, e para o norte á Gosundeira, ficando-lhe nas proximidades, além do logar que lhe dá o nome, os das Malgas e Nogueiras.

Valles e montanhas vestem as verdes gallas da vinha bem tratada, entristecidos aqui e além pelas pegadas amarellentas d'esse gigante microscopico que assignala o seu caminhar com os seus estragos, destruidor como o simoum, energico como a fatalidade — o phyloxera.

Pouco depois é pela primeira vez atravessado o Sizandro, ribeira que, antes de chegar a Torres, teremos que atravessar mais 9 vezes, das quaes temos a seguir ainda tres antes de chegar á estação de Dois Portos.

Antes d'ella, porém, temos ainda que deitar a cabeça á portinhola para apreciar a elegante vivenda dos Carvalhos, do rico proprietario sr. Joaquim Alexandre, construida sobre a ribeira do Sizandro que a atravessa abastecendo-a de agua e frescura, a do Matto da Granja, e á esquerda o logar da Filiteira com as suas edificações bem construidas e vastas, como d'uma pequena villa.

A estação de Dois Portos fica entre os logares d'este nome e o da Ribaldeira; aquelle á direita e este á esquerda.

Estamos em plena zona vinicola. Por toda a parte se prepara o liquido que dentro em pouco ha-de fazer mover os helices dos vapores que o conduzirão ás adegas estrangeiras, onde elle vae sendo tão estimado, e ao mesmo tempo a cabeça dos adoradores do S. Martinho que não o estimam menos.

Daremos proximamente a gravura do viaducto metallico de 20 metros sobre o Sizandro que segue á estação, depois do qual temos a passar mais dois, emquanto a vista se espraia pelo largo horizonte, notando á direita o velho palacio do Conde de Cêa, mais adiante a propriedade da familia Barros e Cunha até onde o intelligente filho do notavel estadista fallecido, nos foi ainda ha pouco um dos mais apreciaveis companheiros de viagem.

D'aqui lhe enviamos um aperto de mão affectuoso, recommendando-lhe mais uma vez que, quando fôr a Torres.... não vá ao Pimenta.

Ao chegar á estação de Runa depara-se-nos por detraz d'esta o azylo dos invalidos militares, e ao lado esquerdo a povoação, a pequena distancia.

Depois vemos successivamente as vastas propriedades de Matacães pertencentes ao sr. Trigoso, Ordasqueira e Marchica.

Mais tres viaductos e tres tunneis, o da Boiaca, de 165 metros, Cabeço, 75 metros, e Torres, 150 metros, construidos todos em recta, de fórma que ainda passado o ultimo se vê a via ferrea atravez do primeiro, e eis-nos chegados a Torres Vedras, estação terminus da linha de Lisboa e de ligação com a da Figueira e Alfarellos.

E' por este ultimo motivo porque temos que fallar em breve d'esta linha e por não alongar demasiadamente este artigo que reservamos para breve a descripção da estação.

*L. de Mendonça e Costa.*

## FONTES PEREIRA DE MELLO

XX

Fontes Pereira de Mello encontrava em 1872 o paiz n'um estado lastimoso de anarchia financeira e politica, anarchia manca, mas que não era por isso menos funesta e prejudicial. Os elementos que tinham preparado a revolta militar de 19 de maio de 1870 continuavam a fermentar e a agitar-se em torno do vulto original e curioso do marquez de Angeja, cuja physionomia politica está ainda por definir, sendo certo porém que é uma das physionomias mais caracteristicas do nosso tempo. Estes elementos eram incapazes de produzir uma agitação séria, mas traziam n'uma perturbação constante a sociedade, e sobresaltados os animos. Fontes Pereira de Mello tratou immediatamente, assim que subiu ao poder, de acabar com essa agitação pueril, mas que não deixava de ser incommoda. Metteu em processo os homens que mais implicados andavam em todos esses tramas e conspirações burlescas, não recuou diante da idéa de fazer julgar pela camara dos pares o marquez de Angeja, e rapidamente poz termo a essa verdadeira sarna politica. Era simplesmente uma questão de hygiene social.

Ao mesmo tempo contribuia com a sua iniciativa de presidente de conselho, e com a sua acção e energia como ministro da guerra, para uma rapida solução do problema militar da India portugueza, cujos batalhões constituiam, se assim nos podemos exprimir, uma *penichada* militar, a que o sr. Jayme Moniz teve a gloria de

pôr termo, como ministro da marinha que então era. As resoluções radicaes tomadas então, e de que saiu a dissolução do exercito indiano, entravam perfeitamente no espirito da politica energica admiravelmente iniciada n'este ministerio verdadeiramente restaurador pelo grande estadista que vamos biographando.

Mas outra questão ainda bem mais difficil de resolver era a de fazenda, e Fontes Pereira de Mello, apezar de estar firmemente resolvido a não continuar na gerencia d'aquella pasta, entendeu que devia tomar a iniciativa de umas poucas de medidas rasgadas que levantassem rapidamente a situação do Thesouro, tranquillisassem o credito, e ao mesmo tempo não infundissem aos servidores do Estado o terror de que estavam possuidos, desde que os reformistas tinham sonhado salvar as finanças com os magros cobres dos amanuenses.

Uma das grandes qualidades politicas de Fontes Pereira de Mello era a nitidez do seu pensamento e a nitidez das suas resoluções. Sabia sempre o que queria, e, embora transigisse em tudo aquillo em que a transigencia era possivel e propria para facilitar a execução do pensamento principal, não deixava nunca de fazer o que entendia ser indispensavel. O seu pensamento financeiro não era, como em 1867, um pensamento radical. Fôra n'isso que lhe tinham aproveitado, como elle dizia, as lições da historia. Sabia que o paiz resistiria a qualquer medida que podesse de vez equilibrar as receitas com as despezas. Tentou ainda o implantar no paiz um d'esses impostos largamente productivos, não pelo avultado da taxa, mas pela immensa amplitude da sua incidencia — o imposto do sal. Não duvidou porém retiral-o, e conservar apenas das suas propostas as remodelações de impostos, como o da contribuição pessoal e a ampliação de outros como o do real d'agua que era de todos o mais rendoso. Tambem Fontes Pereira de Mello teve o malicioso prazer de fazer notar no seu relatorio que o que elle propunha era um trecho d'aquelle famigerado imposto de consumo que tão combatido fôra, mas que ia entrando na legislação fiscal do paiz, trazido a retalho pelos seus adversarios.

E, feito isso, procurou sobretudo adiar encargos, confiando no desenvolvimento gradual da receita publica, desenvolvimento que de anno para anno se ia accentuando, porque se iam fazendo sentir na economia do paiz os resultados dos grandes melhoramentos que tão dispendiosos tinham sido.

Uma das operações que elle fez com esse intuito foi o contracto com os Bancos para o pagamento das classes inactivas, idéa que tem sido por todos seguida e aproveitada.

Mas o que elle dizia claramente e sem hesitações é que não estava disposto a fazer aquellas economias em que tanto timbrava o ministerio progressista, e de que não resultára senão a miseria para muitas familias, sem acabar com a miseria do Estado, antes aggravando-a, e quando o sr. Marianno de Carvalho dizia na camara que não era licito lançar novos impostos, senão depois de se terem feito todas as economias desejaveis, Fontes Pereira de Mello respondia-lhe muito claro e terminantemente:

«É preciso vermos bem o que é economia. Se o illustre deputado entende... não entende de certo, não lhe faço essa injuria, mas entende por economia desarranjar algum serviço, prejudicar algum individuo, lançar alguma pessoa na miseria, se é isto, nós não fizemos economias. Não só as não fazemos, como as não podemos fazer, é mais alguma coisa.»

A influencia d'esta politica financeira, clara, firme e decidida, fez-se logo sentir nas praças e na sociedade portugueza. O melhoramento das nossas condições economicas manifestou-se, não só pela subida da cotação dos fundos, que isoladamente póde significar apenas um jogo na alta de especuladores da Bolsa, mas por mil symptomas animadores. A 11 de outubro de 1872 entrava o sr. Antonio de Serpa Pimentel para a pasta da fazenda, e em setembro do anno immediato tinha a feliz audacia de levantar um emprestimo nacional, e um emprestimo de 36:000 contos nominaes, de appellar directamente para as economias do publico portuguez, e este correspondeu de tal fórma a esse appello que o emprestimo foi coberto umas poucas de vezes. E note-se que a esse tempo estava a republica em Hespanha, fonte continuada de receios e de preoccupações para o nosso paiz, visinho d'esse foco de incendios, cujas labaredas nos illuminavam a fronteira, e podiam a cada instante arrojar-nos alguma faisca. O publico porém tinha confiança, amplamente justificada pelo crescente desenvolvimento da riqueza publica, pela tranquillidade absoluta de que em todo o reino se gosava.

E a sessão parlamentar ia correndo entretanto sem trazer ao governo senão triumphos, apezar da imponente e bellicosa opposição que estava sempre dando batalha principalmente na camara dos deputados. Levantára-se n'essa occasião a questão das reformas politicas, e Fontes Pereira de Mello entendeu que devia apresentar um projecto no sentido da reforma da Carta, projecto que não foi por diante, mas que annos depois foi renovado pelo grande estadista com algumas modificações e deu origem ao segundo Acto Addicional, votado e promulgado em 1885.

Um anno de governo de Fontes Pereira de Mello bastára para transformar completamente o paiz, e comtudo, é preciso que se note, se o navio caminhava serenamente, com as velas infunadas por um vento de prosperidade, não era porque navegasse n'um mar de rosas. As circumstancias não lhe eram favoraveis. Bastava o facto da proclamação da republica em Hespanha para que a situação fosse difficillima. Nunca porém se mostrou mais habil, mais firme, mais possante a mão do eminente estadista. A opposição não dava tréguas á sua furia, e combatia o chamamento das reservas, apezar de Fontes ter invocado o seu patriotismo, mostrando quanto era indispensavel que tivessemos as forças necessarias para a tarefa difficillima da manutenção da nossa neutralidade, e, apezar de tudo viu Portugal caminhar serenamente na senda do progresso, sem perturbações de especie alguma, e ao lado da Hespanha convulsionada, viu o seu crédito firmar-se e robustecer-se.

(Continua.) *Pinheiro Chagas.*

---

# SCENAS DA VIDA RUSTICA

## A NETA DO TIO TORQUATO

(Continuado do n.º 317)

### XIII

UM PARENTHESIS

Aqui n'este lance da minha narrativa o leitor natural e um pouco maliciosamente pára tambem, e pensa que... Não pense, por Deus, que pensa mal, e eu já d'aqui lhe digo que *honni soit qui mal y pense.*

É verdade que Paulo, o amante da Francesca, chegado áquelle logar da historia de Lancelloto, que dizia como o amor despertara no coração do namorado cavalleiro, e como elle beijara a adorada Ginevra, beijou tambem a sua cunhada Francesca; mas, comquanto os nossos dois personagens estivessem sós, e Izabel mudasse de côr ao ouvir aquella declaração do seu companheiro de infancia, cuja narrativa ainda agora a enleiava, eu li no puro azul dos seus olhos, serenos e limpidos, que a candura da sua alma permanecera até aquelle momento de todo immaculada. O amor sensual não se atrevera a profanar aquelles labios innocentes, que me contavam ingenuamente as primeiras impressões do seu amor.

E se se atrevesse, ficaria a sua alma por isso menos pura?

Eis um dos grandes problemas, que um dia pozeram em terriveis embaraços aquelle cura del Pilar, de que falla o poeta Campoamor.

O leitor conhece os *Grandes problemas* do illustre vate hespanhol? Se ainda por acaso os não leu, e emquanto os não lê, conto-lhe a historia em duas palavras, e em dois versos apresento-lhe tambem o singular pastor d'almas.

*El cura del Pilar de la Oradada*
*como todo lo da, no tiene nada.*

Estamos a vel-o: não é preciso amiudar os traços para compôr a figura.

Pois bem, um dia, uma creança, uma rapariga innocente ainda, mas que parecia presentir já as tempestades, que o futuro vinha trazendo ao seu encontro, ajoelhou aos pés do servo do Senhor, fitou n'elle os olhos interrogadores, e disse-lhe:

*— Vos, sabeis lo que es malo, señor cura?—*

e em seguida, confiada na sciencia que o sacerdote apparentava, perguntou-lhe:

*— El dejar-se besar ¿es malo ó bueno?—*

O cura del Pilar era a virtude em pessoa, e julgava, apezar da sua humildade, saber tudo, porque todas as noites, antes de descançar, lia e meditava o seu breviario, mas, ao ouvir aquella pergunta assim disparada á queima-roupa pela ingenua rapariga, perturbou-se, e, não achando que responder, levantou os olhos ao ceu,

*buscando la respuesta en las estrellas;*
*mas como nada le dijeron ellas,*
*el cura del Pilar no dijo nada.*

Não sei eu tambem resolver este grande problema. Campoamor creio que não lhe achou solução, e limitou-se a contal-o em bellissimos versos. E o leitor?...

.................................................

Emquanto não se resolve o caso, voltemos á nossa historia. E repito *honni soit......*

Está fechado o parenthesis.

### XIV

Estavamos pois no momento psychologico da historia da Izabelinha, que seguia narrando os primeiros fastos, e descobrindo as mais antigas raizes do seu infeliz amor, quando fomos interrompidos pelos alegres e ruidosos latidos dos cães, que ladravam á porta, fazendo uma motinada de mil demonios. Era o Torquato, que voltava da caça com a sua brilhante comitiva.

— Ora viva quem é a alegria d'esta casa! disse o velho ao entrar, e apenas deu com os olhos em mim. Venha de lá esse abraço, que já tinha saudades suas. Não adivinhar eu que o senhor vinha cá hoje, senão tinhamos dado uma volta juntos. Porque não me avisou?

— Foi uma resolução repentina, mas você não matou todas as que viu, respondi eu, apontando para a bojuda rêde, atravez da qual se viam os pés vermelhos das perdizes, e o pêllo pardo dos coelhos.

— Não matei todas, mas ainda se lhe dá. Cinco perdizes e tres coelhos, aqui estão ás suas ordens. Havia já dias que não sahia, e isto é bom não deixar enferrujar as pernas. Rapazes como eu não devem pôr-se ao canto. Duas são para o compadre, se o meu amigo dá licença, e o resto é para casa. Que linda manhã que estava! Não errei um tiro, quer crer? Isto é uma espingarda d'alma: era de meu irmão, que tambem lhe dava bem. Fizemos grandes caçadas, os dois, na Azambuja e no Carregado. Eu á minha parte matei um dia setenta e cinco codornizes! Nunca vi tanta codorniz junta; levantavam-se ás tres e ás quatro! Até lavei os canos da arma duas vezes! Não dês já agua aos cães, Izabel: deixa-os descançar primeiro.

Em quanto dizia isto, Torquato foi pendurando n'uns ganchos da parede todos os seus petrechos de caçador, acabando por limpar a caçadeira, antes de a atravessar nas *adagas* d'uma cabeça de veado, que elle trouxera do Alemtejo, e que eu lhe mandara preparar em Lisboa.

— Vem disposto a demorar-se por cá alguns dias?

— Conforme. Porque pergunta isso?

— Porque nós temos agora bom tempo para irmos a ellas, e porque estamos a despedir-nos por uma temporada aqui do Cardal. O compadre tem uma propriedade, em Santarem, e como agora não póde lá ir, pediu-me para eu lhe dirigir lá o trabalho do vinho e do azeite, o que leva uns mezes. Vamos pois para lá, e ao meu amigo, se quizer apparecer, escusado é dizer-lhe que nos dá muito gosto.

— Então a Izabelinha vae mudar de ares, e ver novas terras.

— E novas gentes, accrescentou Torquato. E ella que está precisada d'isso. Ha uns tempos a esta parte não gosto de a ver. Já reparou? Anda triste, já não canta... Aquelle malandro é que eu devo isto. O senhor bem me disse um dia que as primeiras impressões custam muito a arrancar: são como as raizes velhas. Aquellas bruxas de Satanaz, que cá se metteram em casa, que pena que tenho de não as ter corrido a pontapés... Mas quando dei por ellas já era tarde: quem mal não usa, mal não cuida. E o peior é que ha ahi um rapaz direito, que gosta d'ella, e que era um bom partido, porque eu não hei de ser eterno, e desejava deixal-a amparada, mas, paciencia, Deus ou o diabo, não quiz. Que lhe hei de fazer?

— O Fernando, — teem noticias d'elle?

— Qual noticias! Fechou-se: ha que tempos que não se sabe nada d'elle. Elle nunca mais pensou em tal. Aquillo não era passaro de gaiola

# CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE TORRES VEDRAS — Estação de Dois Portos

(Desenho do natural por J. R. Christino).

Um melro de assobio. Mas ahi vem ella, mudemos de conversa, não a quero atormentar mais do que ella está.—E tomando um ar prazenteiro continuou:—Então está combinado, o amigo manda dizer para casa que se demora cá uns dias, e nós vamos despedir-nos d'essas vinhas e d'esses pinhaes até ao inverno que vem. Minha menina, temos hospede para dias, e isto aqui vae ser uma festa como um noivado! E haja gaudio, como diz o sr. Alfredo, que tambem já me prometteu que, apezar do rheumatismo, cá vinha na burrica passar um dia com a gente. Quem viu aquillo,... e o irmão?! Eram dois, que valiam por vinte. Elles deixaram lá fama por Lisboa, não deixaram?

— Deixaram, sim. Valentes, até alli. O Adriano era forte como um leão. Um homem nas mãos d'elle era uma pênna. Já lá está na terra da verdade.

.......................................................

(Continúa). *Zacharias d'Aça.*

## RESENHA NOTICIOSA

Morte de um pintor. Falleceu no dia 19 do corrente, na sua casa da rua dos Bacalhoeiros, em Lisboa, o notavel pintor portuguez José Rodrigues auctor de duzentos e dez retratos a oleo, em que figuram muitas notabilidades do nosso paiz, e trinta e nove quadros differentes que se encontram nas pequenas galerias de alguns amadores portuguezes.

A sua competencia como pintor retratista era geralmente reconhecida, e na vasta galeria de retratos que deixa pintados encontram-se bastantes de incontestavel merecimento; lembra-nos os retratos de El-Rei que existem na camara dos Pares e na camara dos Deputados; os quadros que se vêem no tecto de uma das salas dos paços do concelho de Lisboa, na capella do cemiterio Occidental e na sala do tribunal do Commercio etc. José Rodrigues já ha muito tempo que não pintava, porque a doença e a falta de vista o tinham impossibilitado. Uma morte repentina pôz termo aos seus soffrimentos e ao seu pobre viver, em que tinha como unico recurso a generosidade de alguns amigos que o punha a coberto de maior miseria. Assim acabou um artista a quem as suas épocas de gloria não lhe valeram uma velhice mais desafogada.

Viagens circulatorias. Temos a satisfação de annunciar que Portugal já entrou em o numero dos paizes comprehendidos nas viagens circulatorias da Companhia Lyão Mediterraneo. A viagem principia em Paris e segue a Lyão, Marselha, Nimes, Cette, Perpignan, Barcelona, Valença, Madrid, Toledo, Burgos, Granada, Cordova, Sevilha, Lisboa, Bayona, Bordeux, Tours e Orleans.

O preço da primeira classe é de 59$085 réis e o da segunda classe é de 43$800 réis.

Os bilhetes são validos por 45 dias. Estimariamos vêr incluidas n'estas viagens, o Porto, Braga, Batalha, Coimbra e outras terras de Portugal dignas de serem visitadas.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Revista Angrense**, *publicação quinzenal*, Angra do Heroismo. N.º 4 d'esta revista que publica artigos e poesias, alguns dos quaes de verdadeiro merecimento litterario.

**Catalogo dos Livros que pertenceram ao fallecido illustre Visconde de Juromenha.** Lisboa, Typographia Universal, 1887. Este improbo trabalho a que se deu o nosso amigo Brito Aranha, representa uma grande actividade, tanto pelo pouco tempo em que foi feito, como pelo muito sobrecarregado que o seu auctor está com os trabalhos do *Diccionario Bibliographico* e outros de não menor investigação e estudo. Este Catalogo contem 554 obras diversas alphabetadas. Camoniana com 163 obras incluindo versões em differentes linguas. 57 manuscriptos e 9 estampas e collecções. Ha algumas especies de grande valor pela sua importancia historica e raridade. Na Camoanina ha, entre outros, um manuscripto precioso e é o original em portuguez, autographo e inedito, de Manuel de Faria e Souza, para o primeiro estudo ácerca dos *Lusiadas*. O leilão d'esta importante bibliotheca, verificar-se-ha em Novembro, no palacio que o fallecido habitou, na rua do Infante D. Henrique.

**Grande Diccionario Contemporaneo portuguez-francez**, pelo professor Domingos de Azevedo, publicado com a approvação e sob os auspicios de Victor Hugo, e revisto pelo Ex.mo Sr. Luiz Filippe Leite, vice-reitor do Lyceu Nacional de Lisboa. Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Está publicado até á folha 30 d'este magnifico diccionario, o mais completo que conhecemos, e que já aqui temos recommendado ao publico, como um livro verdadeiramente util e indispensavel, quer aos estudantes da lingua franceza, quer aos que a praticam, o que hoje é vulgar no nosso paiz. O *Diccionario Contemporaneo* é um livro perfeitamente moderno, que acompanha todas as evoluções da lingua, sendo por isso o mais rico para se consultar e seguir.

**A Arte**, *semanario litterario dedicado ás damas reguenses*. Regoa. N.º 4 do 1.º anno, publica varios artigos litterarios e poesias. *A Arte* é uma folha muito elegante e este numero publica, em supplemento, uma mazurka *Saudades da Regoa*, composição do sr. Thomaz Augusto Alves Raposo.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa